

As mulheres e a ciberteologia na pastoral em tempos de Francisco

Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon¹

Resumo: Uma série de perguntas eclesiais e pastorais nos emergem em tempos do pontificado do Papa Francisco e de pandemia. Entre elas, algumas nos parecem mais significativas: As mulheres ganharam mais autonomia e estão encontrando um sentido cristão mais pleno e autêntico na práxis ao se conectarem às redes ou se deslocarem dos templos para as casas e com isso se aproximarem mais das pessoas nas comunidades? Diante do cenário atual, o Papa Francisco tem sinalizado que uma das suas preocupações, além do espaço ocupado pelas mulheres na Igreja, é a utilização das tecnologias para o bom convívio entre os povos no sentido de agregar pessoas e evangelizar as comunidades. Diante de inseguranças e instabilidades, dores e sofrimentos como afirma a Constituição GS do Concílio Vaticano II, novas possibilidades científicas nos abrem e entre elas a ciberteologia têm nos mostrado novas territorialidades construídas para a vivência da religiosidade e da espiritualidade. Esses espaços virtuais e ciberteológicos podem ser instrumentos não só onde nos conectamos para viver experiências da fé e da ciência, mas para conquistarmos novos espaços eclesiais, muito além daqueles das territorialidades geográficas. Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões sobre esse cenário em tempos de pandemia e de Francisco.

Palavras-chave: Pandemia; renovação; eclesialidade; mulheres; ciberteologia

INTRODUÇÃO

Com o contágio democrático da COVID-19, as mulheres se abriram a novas experiências e estenderam suas relações para além dos espaços tradicionais. Elas se reinventaram e começaram a celebrar a fé para além dos templos. Pelas redes sociais vieram a frequentar um ciberespaço, literalmente um poderoso *locus* das nuvens. São esses novos locais, diferentes daqueles ocupados pelas comunidades cristãs primitivas, que hoje as mulheres ganham mais força. Há agora uma nova configuração da territorialidade das casas e do sagrado e partir da experiência das mulheres fica mais valorizada a pastoralidade feminina, colocando-a no foco, dando-lhe um lugar de destaque, de importância e de potência. Esse lugar de fala das mulheres, ao mesmo tempo, se mostra como um desalojar das opressões cotidianas – colonialistas, racistas e misóginas – que perpassam as suas vidas, pois ali se mostra o não conformismo com a opressão.

Este trabalho a partir dessa temática e com o método VER-JULGAR-AGIR tem como objetivo fazer um exercício de desconstrução de sistemas escravocratas dentro e fora das comunidades, levando neste momento a ver o contexto no qual estamos inseridas e pensar em uma reconstrução de outras possibilidades de experiências comunitárias e eclesiais. É nessa desconstrução que se desenvolve uma visão feminista da fraternidade e do cuidado, se constrói uma outra perspectiva feminina e feminista, sim, aquela de que “não queremos

1 Doutorado em Ciências da Religião pela UESP; Docente da Faculdade de Teologia na PUC-Campinas; e-mail:ivenise@puc-campinas.edu.br

voltar à uma tradicional ‘normalidade’ injusta e desigual, racista, branca e heteropatriarcal. Essa atualidade nos faz também refletir sobre o papel da teologia e dos novos instrumentos tecnológicos e midiáticos que vem contribuindo para essa reconstrução nas comunidades e fora delas

Neste tempo duro, cruel e pandêmico se torna necessário sempre reafirmar a importância da presença majoritária das mulheres na linha de frente dos hospitais e das comunidades eclesiais. Com tecnologias em mãos, elas têm levado um alento às pessoas e as socorrem nos hospitais junto às condições de sofrimentos e mortes pela Covid 19. No nosso país, sobretudo junto às populações mais vulneráveis, grande parte das vítimas são frutos do descaso do governo e da falta de políticas públicas para com a periferia das metrópoles. A tristeza impera sobremaneira e são mais evidentes nesses lugares. A Covid 19 aponta para uma crise humanitária, para o grito de dor mostrado pela finitude humana, para uma crise da natureza que está em dores de parto (*Rm 8.16*), por isso a pandemia mostra um tempo também de expor a falta de cuidado, de gestão pública e de solidariedade que muitos governantes tem demonstrado. É nesse contexto que surge o lugar e a voz das mulheres nas comunidades, e mais ainda, com habilidades nas tecnologias é aí que elas ocupam espaços e resolvem situações.

1 O CONTEXTO PASTORAL E O CUIDADO DAS MULHERES NAS COMUNIDADES

Nesse cenário, se torna importante enxergar além do que comumente é apontado nas notícias pelas redes. Muitas mulheres suprem a falta de políticas públicas e de governo eficaz e, para cuidar do próximo, elas ficam até mais expostas nas comunidades. Sem falar que as mulheres tem buscado mais soluções digitais para responder aos desafios cotidianos e vêm procurando utilizar as tecnologias tanto para se capacitar quanto para amparar e denunciar casos de violências ao serem vítimas do patriarcado e da necropolítica que se reproduz sob às suas costas. As mulheres, nesse sentido, têm ido a lugares que ainda a Igreja não havia chegado por vias “normais”. E ao tentar cuidar umas das outras, muitas vezes também precisam ser cuidadas, pois correm riscos cada dia piores em meio ao cenário dos lares e das ruas. Portanto, falar de pandemia é também lembrar de cuidados para com as mulheres, é falar de uma prioridade diária a qual todas as pessoas, independentemente do gênero, são responsáveis em diferentes graus e dimensões, sejam físicas, psicológicas, espirituais, afetivas, sociais, educacionais.

O papa Francisco, no âmago da Carta Encíclica *Laudato Si*, questiona e pede ao mundo que amplie o olhar:

“Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer?” Esta pergunta não toca apenas o meio ambiente de maneira isolada, porque não se pode pôr a questão de forma fragmentária”...Para que viemos a esta vida? Para que trabalhamos e lutamos? Que necessidade tem de nós esta terra?”: Se não pulsa

nelas esta pergunta de fundo, não creio que as nossas preocupações ecológicas possam surtir efeitos importantes.

Ouve-se muito que as mulheres têm uma aptidão mais acurada para com a cuidado, mas não temos receitas e sabemos que também os homens necessitam assumir o cuidado de forma plena, ajudando a superarmos as desigualdades de gênero, de raça e classe social. E essa se torna uma tarefa primordial nas comunidades, nas igrejas.

É necessário que todos e todas lutem por políticas públicas que assumam os cuidados, sejam com as crianças, as pessoas idosas, com deficiências e com o se relacionar com a natureza. Cuidar, portanto, não é uma tarefa natural das mulheres. É uma construção histórica e que cabe a todas as pessoas e instituições construídas no desenvolvimento histórico da humanidade. É uma nova atitude que deve ser aprendida e apreendida por todos e todas neste momento de pandemia que exige o nosso cuidado contínuo.

O cuidado necessita ser ensinado e aprendido nos diferentes ciclos da vida, inclusive nos momentos que exigem da fé o exercício que lhes é próprio diante das adversidades. Este princípio ético que tem a ver com a existência humana e planetária necessita ser reinventado em nosso cotidiano pandêmico e inclusive ser reconsiderado no atual modelo econômico, por mulheres e homens, com ou sem acessos às tecnologias? Esse tema que será focado em seguida.

A atmosfera atual altamente tecnológica transforma a concepção da mulher e do homem em relação ao universo e a si mesmos. O computador – peça central da atenção do ser humano moderno – que começa como um dispositivo simplificador de tarefas - torna-se um dispositivo facilitador e criador de novos comportamentos e costumes, também nas comunidades eclesiais.

Convocado pelo Papa João XXIII, o Concílio Vaticano II (1962-1965) tratou do tema da fé em vários aspectos, todavia não querendo focar apenas acerca da fé em si mesma, mas de toda a sua conexão com outras temáticas mais específicas, chegando até a tratar a “Eficácia da fé frente ao ateísmo” (*Gaudium et Spes*, 21). Assim também atualmente tem se tratado o papel da fé frente a comunicação e às tecnologias. Portanto, a consciência da fé cristã da mulher e do homem tem o direito de tomar decisão livre acerca daquilo que crê, professa e age. Vemos na Sagrada Escritura que a fé é por natureza algo voluntário e que nos atrai para Deus (*Jo 6,44*). Exclui-se assim qualquer tipo de coação e exclusão, sobretudo quando feitas em nome de Deus nas comunidades eclesiais.

Portanto, neste momento a terra vem pedindo com insistência a necessidade de rompermos com círculos viciosos e viciantes gerados por vírus dentro e fora dos sistemas digitais, que literalmente vem adoecendo a humanidade. Isso se consolida ainda mais ao se presenciarem ações irresponsáveis geradas por governos fascistas e autoritários e que, infelizmente, também atuam em comunidades eclesiais, físicas e digitais. Há a necessidade urgente, neste

momento pandêmico, de rompermos com os modelos opressores de um patriarcado capitalista, branco, hierárquico, misógino, racista, militarizado e feminicida.

2 AS MULHERES, AS TECNOLOGIAS E OS NOVOS ESPAÇOS EM TEMPOS ECLESIAIS DE FRANCISCO

E neste tempo de pandemia, a vida de muitas mulheres nas comunidades eclesiais foram tomando novas formas e, por mais difícil que possa parecer às mais vulneráveis, elas se mostram mais dinâmicas e atuantes do que nunca. Com a ajuda de muitos, conseguiram acesso às mídias sociais e com a internet legitimou, de várias formas, um espaço que elas já conheciam, mas que neste momento, aprenderam a lidar com maior destreza. Nasce daí uma nova configuração do trabalho e das convivências em comunidades eclesiais.

Muitas mulheres, se tornam neste momento sujeitos tecnológicos e sociais, tiveram que aprender a buscar novas formas de trabalhar também na Igreja. Das comunidades para as casas, por meio do home-office nasce também o trabalho pastoral em casa. Este, portanto, agora eclesializado e socializado de outra maneira. A igreja passa a ocupar o lugar das casas, e sobretudo com a internet e o advento de novas tecnologias esse espaço é ocupado pela presença do trabalho das mulheres.

Sobre essa perspectiva, a religiosa Joana Puntel, especialista em cultura midiática e Igreja, há alguns anos vem alertando sobre uma nova ambiência eclesial, pela qual entraríamos em um novo e poderoso território: o da internet. A autora aponta que:

A Internet mostra-se como um grande instrumento de integração pessoas, homens e mulheres, que se aproximam da máquina. Trata-se de uma inter-atividade, pois quem utiliza das redes está sempre mais ligado a um percurso de utilização pré-formulado, ou seja, a informação. Assim também, a Internet nos apresenta como um grande “ponto de força”, eu e o contínuo enriquecimento dos serviços e das troca de experiências”. (PUNTEL.SP. pp 28-29)

Já a teóloga Maria Clara L. Bingemer, em um artigo intitulado “Igreja hoje: do templo para a casa”, disponível em *Ameríndia em la Red*, diz que as pessoas: “em lugar de ir ao templo celebrar com a assembleia reunida, são convidadas a conectar seus computadores ou celulares e a partir dali unir-se sem restrições de fronteiras geográficas, mas ocupando o imenso espaço virtual que a tecnologia hoje abre.”

Portanto, pode-se afirmar que as mulheres estão exercendo a sua força nesse novo espaço onde acontecem as novas relações de poder eclesiais. Pela internet, elas encontram novos significados e valores para as suas vidas e se empoderam ao celebrar e evangelizar conectadas em um ciberespaço produzido pelas tecnologias. Esses espaços ciberteológicos vieram consolidar cada vez mais a territorialidade religiosa e as nossas relações fé-vida.

Nesse sentido, a geógrafa Zeny Rosendhal, diz que o propósito de mostrar a dimensão do lugar simbólico nos remete à noção de lugar sagrado associado necessariamente a um território definido e que o lugar:

é reivindicado, possuído e operado pela comunidade religiosa. E que as relações de poder hierárquico de uma comunidade sobre outra no território resultará em associação, dominação ou exclusão, dependendo das relações de poder e da política estabelecida no lugar. O certo é que a posse do território é seguida de um ritual que simboliza o ato da criação. O território é ocupado e, dessa forma, consagrado, protegido e reconhecido legitimamente pela comunidade.

Assim, especialistas nos apontam indícios que as formas antigas de celebrar a fé poderão não mais voltar totalmente a ser como antes da pandemia, mesmo que alguns setores exijam a presença física nos templos. Teremos uma mescla de sentidos e convivências virtuais, simbólicas e religiosas, que se legitima em uma ocupação diferente de ambientes, nas casas ou nos templos.

Partindo desse pressuposto, outras perguntas podem ser feitas: é possível fazer a experiência de Deus por meio da nova *ambiência* da fé criada pela internet? Qual seria, portanto, o lugar da fé na convivência das mulheres no contexto eclesial dessa virtualidade? Qual é o horizonte teológico e sociopastoral da evangelização na direção da *ciberteologia ou ciberpastoral*?

2.1 A CIBERTEOLOGIA, INSTRUMENTO NO EXERCÍCIO PASTORAL DAS MULHERES

Moisés Sbardelotto, cientista da comunicação religiosa, assinala em entrevista ao IHU - Humanitas, a existência de uma interface entre a mídia e a religião construída no ambiente digital e a sua centralidade fica explícita no conceito da ciberteologia:

Para ele, o conceito tem, como “maior desafio”, “explicitar com clareza reflexiva qual a diferença que o prefixo ‘ciber’ traz à teologia”, porque “do ponto de vista teológico, um primeiro risco é o de pensar Deus e a experiência cristã no tempo da rede a partir do ‘impacto’ e da ‘influência’ dos aparatos tecnológicos e das tecnologias digitais, entendidos como dominação do digital sobre o religioso e o teológico (...). (SBARDELOTTO; 2014; pp 1-2)

Para o autor, ao falar de ciberteologia, fica evidente a dimensão ampla da vivência na casa e fora dela, numa casa maior, aquela citada aqui na encíclica do papa Francisco. A partir da compreensão de *oikos* (grego), não restrito ao espaço familiar de um lar, é num espaço maior e amplo de sentido que acontecem as relações políticas, econômicas, culturais e religiosas. Neste sentido, sempre que falamos do mundo doméstico e nas relações familiares, estamos nos referindo também aos recursos sociais, econômicos, tecnológicos e ambientais,

espaços multidimensionais, lugares seguros e inseguros, acessíveis ou não, de relações igualitárias e equilibradas, ou não.

Por meio dos significados desses lugares, a partir de etimologias e epistemologias, a ciência teológica tem procurado mostrar o sentido criacional, o valor dos seres humanos em seu *habitat* e o pensar Deus a partir das novas tecnologias e suas relações humanas aí existentes. Esse é o ambiente da Casa Comum para nós em tempos de pandemia, cenário que impõe redes e sinais de alerta, de denúncia e cuidado, no intuito de sobreviver no espaço privado, no espaço público e no espaço virtual.

Para SPADARO, a rede é um novo contexto existencial, não apenas um espaço característico no qual se entra em algum momento para viver online e do qual se sai para adentrar na vida *off-line*, assim a Rede não é na verdade um simples “instrumento” de comunicação que se pode ou não usar, mas evoluiu num espaço, um “ambiente” cultural que determina um estilo de pensamento e cria novos territórios e novas formas de educação, contribuindo para definir também um novo modo de estimular as inteligências e estreitar os relacionamentos; efetivamente é um modo de habitar o mundo. Esse autor articula o conceito de ciberteologia mostrando que a fé sofre uma influência do ciberespaço, bem como esse lugar tem uma íntima relação com o sagrado e com a teologia. Diz ele:

É necessário considerar a ciberteologia como a inteligência da fé em tempos da rede, isto é a reflexão sobre a “pensabilidade” da fé à luz da lógica da rede. Referimo-nos à reflexão que nasce da pergunta sobre o modo no qual a lógica da rede, com suas potentes metáforas que trabalham o imaginário, além da inteligência, possa modelar a escuta e a leitura da Bíblia, o modo de compreender a Igreja e a comunhão eclesial, a revelação, a liturgia, os sacramentos. (SPADARO., p.17.)

E o Papa Francisco nos seus últimos escritos como na *Laudato Si* tem destacado essa amplitude da fé cristã. Tem destacado uma espiritualidade ecológica onde tem feito reflexões com consistência e insistência para este momento de pandemia em que muitas comunidades estão destroçadas por mortes, mas conectadas espaços digitais que chegam além fronteiras. Na Fratelli Tutti FRANCISCO pontua:

Neste mundo que corre sem um rumo comum, respira-se uma atmosfera em que «a distância entre a obsessão pelo próprio bem-estar e a felicidade da humanidade partilhada parece aumentar: até fazer pensar que entre o indivíduo e a comunidade humana já esteja em curso um cisma. (...) A tecnologia regista progressos contínuos, mas «como seria bom se, ao aumento das inovações científicas e tecnológicas, correspondesse também uma equidade e uma inclusão social cada vez maior! Como seria bom se, enquanto descobrimos novos planetas longínquos, também descobríssemos as necessidades do ir-

mão e da irmã que orbitam ao nosso redor! (FRANCISCO FT. Nos. 29-31)

No âmbito ciberteológico-pandêmico se encontra aí um dos grandes desafios da teologia e das ciências da religião: pensar Deus e estudar as religiões em meio ao avanço tecnológico possibilitando descobrir as necessidades das pessoas e promovendo a inclusão das mulheres nesses espaços efetivos. Paradoxalmente, quanto ao espaço de ilusão da comunicação digital, o pontífice alerta para um momento contraditório:

Na comunicação digital, quer-se mostrar tudo, e cada indivíduo torna-se objeto de olhares que esquadrinham, desnudam e divulgam, muitas vezes anonimamente. Dilui-se o respeito pelo outro e, assim, ao mesmo tempo que o apago, ignoro e mantenho afastado, posso despudoradamente invadir até ao mais recôndito da sua vida. (FRANCISCO. FT. no. 42)

A pandemia trouxe controvérsias e propiciou novas redes de contatos entre as pessoas. É aí que muitas mulheres, líderes nas comunidades conseguiram ser incluídas em esferas até então não conquistadas. Além de gestos presenciais solidários com os mais próximos elas começaram a celebrar a fé cristã também entre pessoas desconhecidas. Este momento trágico da pandemia na nossa história está fazendo com que grupos radicais destilem discursos de ódio nas redes, mas contrariamente a isso muitas pessoas estão buscando dar um novo sentido à sua fé. E as mulheres pelo jeito fraterno que lhes é próprio, nos diversos contextos comunitários em que atuam, com o auxílio da internet aos poucos estão tornando protagonistas de relações entre diferentes. Aí está a fraternidade que possibilita se tornem semelhantes entre diferentes.

O Papa Francisco cita: “Enquanto a solidariedade é o princípio de planejamento social que permite que os desiguais se torne iguais, a fraternidade é aquilo que permite que os iguais sejam pessoas diferentes” (FRANCISCO. FT. 4)

E quanto ao valor da solidariedade que educa e forma pessoas diferentes, ele conclui: “Quero destacar a solidariedade, que «como virtude moral e comportamento social, fruto da conversão pessoal, exige empenho por parte duma multiplicidade de sujeitos que detêm responsabilidades de carácter educativo e formativo. (FRANCISCO. FT. 214)

3 SOBRE ESPAÇOS E AÇÕES ECLESIAIS TRANSFORMADORAS

O momento pede formação para mudanças de atitudes, dentro e fora das igrejas e, se torna crucial pensar o papel fraterno das mulheres também junto às estruturais hierárquicas, lugares esses que elas têm se demonstrado cada vez habilidosas e competentes para lidar com essas influências digitais.

São nos momentos atuais tristezas e angústias que elas se estabelecem como pessoas autônomas e exercem seus poderes de decisão frente aos acontecimentos e as estruturas eclesiais. Pela via da internet as suas relações são administradas e legitimadas nos espaços virtuais as quais extrapolam aqueles dos altares e templos. Diante de situações trágicas do nosso cotidiano, tristes ou alegres, mulheres lidam de perto com a vida e com a morte e, em tempos da COVID-19, conseguem legitimar novas relações construindo novos laços de poder estabelecidos até fora das suas antigas territorialidades pastorais. Não há mais fronteiras que demarcam espaços físicos, o nosso próximo são os nossos vizinhos conectados pelas nuvens.

Papa Francisco cita:

Jesus propôs esta parábola para responder a uma pergunta: “Quem é o meu próximo?” (Lc 10, 29). A palavra «próximo» na sociedade do tempo de Jesus costumava indicar a pessoa que está mais vizinha, mais próxima. Pensava-se que a ajuda devia encaminhar-se em primeiro lugar para aqueles que pertencem ao próprio grupo, à própria raça. Para alguns judeus de então, um samaritano era considerado um ser desprezível, impuro, e, por conseguinte, não estava incluído entre o próximo a quem se deveria ajudar. O judeu Jesus transforma completamente esta imposição: não nos convida a interrogar-nos quem é vizinho a nós, mas a tornar-nos nós mesmos vizinhos, próximos. (FRANCISCO. FT 80.)

Estudando sobre as relações de poder nos espaços eclesiais ocupados pelas mulheres na Igreja Católica pode-se notar que em meio à sua condição ministerial de não pertença aos espaços formais e mesmo com destreza com as tecnologias muitas delas não conseguem exercer seu papel com autonomia e dignidade. Esse tema nos chama a atenção já a partir do texto da Conferência de Aparecida, o qual enfoca a dignidade e a participação das mulheres na Igreja quando diz: “As mulheres constituem, geralmente, a maioria de nossas comunidades. São as primeiras transmissoras da fé e colaboradoras dos pastores, os quais devem atendê-las, valorizá-las e respeitá-las.” (DOC. APARECIDA no.450-451)

Paradoxalmente, poderia se pensar que as mulheres exercem suas funções diante de um espaço que é dual e controverso. Isso poderia ser expresso pela atuação de uma maioria informal (mulheres) X minoria formal (homens). Talvez por isso, que em alguns lugares de pertencimento ainda não ocupados pelas mulheres, muitas delas nem mais almejam conquistá-los. Isso por talvez não mais encontrarem sentido lógico para o exercício do seu trabalho. Este que é permeado de “deslocamentos e permutas” de atividades em função do autoritarismo e clericalismo de alguns assim como pelo não reconhecimento efetivo delas nas tarefas eclesiais e sociais

São as mulheres, como maioria na Igreja, que em muitos casos coordenam pastorais nas comunidades e ali buscam encontrar um sentido realmente cristão, inclusivo e igualitário, frente as iniciativas e decisões nas ações evangelizadoras. Ocupam espaços e estabelecem

vínculos permanentes de poder, mostram a sua capacidade e o seu poderio, pois conhecem como ninguém os sofrimentos das pessoas, sejam em espaços reais ou virtuais. Elas vão para além do espaço de poder de padres e bispos. Em meio às comunidades, onde aparece mais a desigualdade social hoje são as mulheres que se sobressaem e são fraternas e facilitadoras pelos ciberespaços. Elas administram as comunidades, deixam os templos, vão às casas, utilizam as tecnologias resolvendo situações. Nesses espaços as mulheres são muito respeitadas, não ocultadas. Porém há sempre grupos que interferem nas discussões e até proíbem suas participações. Foi o que aconteceu no Sínodo da Amazônia, em 2019. Mesmo que o Papa Francisco tenha tentado abrir espaços de discussão quanto a presença das mulheres na Igreja Amazônica, o tema foi ocultado por grupos contrários.

Infelizmente, esse não é um conflito existente apenas na Amazônia. Está visível em muitos lugares das nossas igrejas, principalmente onde surgem novas forças competentes de trabalho que são reconhecidas pela hierarquia em suas territorialidades físicas e virtuais. Em lugares de difícil acesso aos serviços de redes, aprovadas ou não, as mulheres estão tendo que se reinventar para se manter junto às lideranças nas comunidades. Junto às aldeias indígenas, diante do atual cenário político nacional e do rápido contágio da COVID-19, isso é cada vez mais evidente.

Partir da compreensão da experiência das mulheres neste tempos difíceis é dar-lhes voz em um lugar de destaque, de importância e de potência. É descortina-las das opressões cotidianas – colonialistas, racistas, econômicas e misóginas. É mostrar-lhes na prática o não conformismo com a opressão; é um exercício de desconstrução para outras possibilidades.

CONCLUSÃO

Sobre as mulheres galgarem novos espaços em meio a outras possibilidades eclesiais e sociais em tempos de pandemia, na Igreja, pode-se dizer que o Papa Francisco tem dado alguns sinais da necessidade de renovações. Parece que há uma certa visibilidade, mesmo com o descontentamento de muita gente que predomina na atuais estruturas ainda patriarcais. Mesmo não se conseguindo ver de forma efetiva renovações eclesiais significativas, alguma coisa tem sido feita de forma tímida pelo atual pontífice. Passos têm sido dados e, com isso alguns direitos tem sido apontados pelo Pontífice quanto a igualdade de gênero:

Por conseguinte, ninguém pode ser excluído; não importa onde tenha nascido, e menos ainda contam os privilégios que outros possam ter porque nasceram em lugares com maiores possibilidades. Os confins e as fronteiras dos Estados não podem impedir que isto se cumpra. Assim, como é inaceitável que uma pessoa tenha menos direitos pelo simples fato de ser mulher, de igual modo é inaceitável que o local de nascimento ou de residência determine, de por si, menores oportunidades de vida digna e de desenvolvimento. (FRANCISCO. FT.121)

Portanto, nunca se discutiu tanto o lugar das mulheres, mas paradoxalmente há neste tempos de pandemia a cruel frequência dos feminicídios e somos ainda as mais violentadas e assassinadas. Vemos na sociedade e na Igreja, neste momento de pandemia, que em muitos espaços fomos valorizadas, mas em tantos outros somos rejeitadas. O atual momento em que a terra grita por vida e solidariedade, ocorrem sinais claros de buscas por se reverter situações ainda existentes, mas inaceitáveis. Nesse sentido, os ciberespaços teológicos utilizados largamente pelas mulheres nas comunidades eclesiais estão abrindo brechas para as suas visibilidades, para suas lutas e para a demonstração do seu papel fundamental junto aos ambientes até então desconhecidos. Aí surgem oportunidades e novas perspectivas de contatos nas esferas eclesiais o que poderá abrir espaços para a renovação de estruturas eclesiais, mesmo que venham a desalojar pessoas de funções viciadas.

Este tempo de pandemia desabrigou pessoas dos templos, desalojou sujeitos de funções tradicionais, mas abrigou e concedeu espaços a outras nos ciberespaços teológicos. É aí que muitas mulheres têm encontrado autonomia e têm sido mais reconhecidas. Elas aí têm ganhado respeito e procurado viver a sua fé com um sentido cristão mais autêntico. Ocupando novos lugares sociais, culturais e religiosos apontam para um novo *locus teologicus* de vanguarda, oriundo das relações de poder geradas pelos ciberespaços nas pastorais. Com possibilidades reais de renovação eclesial se apropriará dos novos espaços, pois é um caminho sem volta.

REFERÊNCIAS

LIVROS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Editora Paulus, 2005

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium es Spes*. São Paulo: Editora Paulinas, 15ªed, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB/Paulus/Paulinas. 2007

CELAM. Compêndio da Conferência de Aparecida. São Paulo: Editora Paulus, 2007

PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Editora Paulus, 2020

_____. Carta Encíclica *Laudato Si*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Editora Paulinas, 2020

SBARDELOTTO, Moisés. E o verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital. São Paulo: Editora Paulinas, 2017.

_____. E o Verbo se fez bit: A comunicação e a experiência religiosa na internet. S. Paulo: Editora Santuário. 2012.

SPADARO, Antonio. Ciberteologia: Pensar o cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Editora Paulinas. 2012.

ARTIGOS ELETRÔNICOS

BINGEMER, Maria Clara L. Igreja hoje: do templo para a casa”. Disponível: <https://amerindiaenlared.org/publicaciones/0/>. Acesso: 04Mai, 2021.

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade. Uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/territorio-%20territorialidade-religia%CC%83o.pdf>. Acesso: 03Mai, 2021

_____. O virtual é Real. UNISINOS. Disponível: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/533947-como-pensar-e-viver-deus-na-cultura-digital-entrevista-especial-com-moises-sbardelotto>. Acesso: 14Jun, 2021